

Morte real da juventude negra

Edi Rock¹

Quero agradecer pelo convite para tratar de assuntos tão importantes assim, representando o *rap*, representando o *hip hop*, representando a periferia, representando a minha quebrada, Zona Norte e as outras, por quê não? Zona Leste, Zona Oeste, Zona Sul, o Centro. Porque, em todos esses lugares, tem sofrimento; não só na Zona Sul, não só na Zona Leste, não só na Zona Norte; todos os lugares têm sofrimento. Quando a gente fala de pobreza, quando a gente fala de cor, quando a gente fala de falta de dinheiro, quando a gente fala de maioridade penal, quem serão os atingidos, né?

Onde moram, onde andam, o que fazem, onde estão?

Se a gente vê na rua, no farol, na janela dos carros, pedindo alguma coisa ou vendendo alguma coisa: a gente vê todo santo dia. E o que a gente faz para mudar, para ajudar a mudar o cenário? A gente vê, vai trabalhar, volta, vê outra vez, vai dormir e, assim, sucessivamente. E o que cada um de nós faz para poder mudar esse cenário?

Acho que é culpa do governo? Não sei, talvez. Culpa nossa? Talvez sim, também. Das mulheres ou dos casais que têm mais de três, quatro, cinco, seis filhos e que ninguém falou para eles “pegar leve? Faça menos filhos...”

Ninguém fala isso, porque no futuro o que vai acontecer com os moleques? Nem eles não sabem, vão fazendo filho, colocando no mundão e ninguém fala nada. Aonde ele aprende a ter pouco filho? Onde vai ser ensinado para ele ou para ela que vai faltar alimento, que vai faltar estudo, que vai faltar um monte de coisa? Ninguém fala nada; não chega a informação, não chega no meio da seca, no meio da caatinga, no meio do Nordeste. Porque a maioria dos favelados vem de lá, a maioria se espalha pelo país. Nordestino, filho de nordestino; e qual a cor da maioria?

O peso, a balança na hora de fazer as contas, na hora de ir preso, quando, não só em São Paulo, mas no Rio de Janeiro, se olhar as primeiras pessoas que você entra em contato, você é recebido por quem? Nos hotéis, se você conversar com as pessoas, você mora onde? Moro em tal favela; assim, mas lá é tal facção. Você

mora em qual quebrada? Eu moro no morro tal. Você mora em qual? É tudo dialeto nordestino, a maioria. Por que você veio pra cá? Procurar uma condição melhor de vida, um salário, um “trampo”.

E a gente vai pra lá também, quando a gente tá no Nordeste, no Norte fazendo show, eu costumo perguntar ou conversar com as pessoas. Geralmente as pessoas falam pra mim; não são todos, mas um ou outro sempre fala: eu quero ir para São Paulo também. E eu falo: mas você vai fazer o que lá? O “barato” já está “louco”; você vai fazer o que lá? Eu preciso ir pra lá, eu “tô” precisando arrumar um “trampo”, aqui “ta osso”, não tem dinheiro, não tem “trampo”, eu tenho que ir. A única solução, não sei, talvez de sonho até, através da televisão, que alimenta isso também; usar o Rio como vitrine; São Paulo a grande metrópole, atrai, proposta de emprego ou promessa de emprego ou sonho de um emprego, de uma vida melhor. Por quê não? Ele não tem nada. O que resta pra ele? Arriscar, vir para cá; deixa a família lá, chega aqui, faz outra família; quanto caso não tem, né? De várias, fazendo vários filhos. Isso, no caso, quando não vai preso – que não deu certo, vai arriscar, vai preso; e os filhos?

Bom, mas voltando também a essa “fita” de lugares que a gente vai, a gente teve no interior, há um tempo atrás, e os “mano” que iam no show de chinelo havaiana? Falei: você faz o que “mano”? Ele falou: eu corto cana. E o cara ganha, faz um tempo já, mas ele ganhava mais ou menos, acho, não chega a duzentos reais por mês, trezentos reais por mês. Eu falo: que vida é essa? Que Brasil é esse que a gente está? Quais Brasis, igual diz o MV Bill, meu parceiro. Qual Brasil a gente vive? Porque a gente canta uma coisa e não vê o resultado, só vê a violência aumentando, a violência que eu falo, não é tiro, não é prisão; a violência com o ser humano, entendeu? É descarado.

Mobilizações assim deveriam existir mais, entendeu? Porque eu acho que são poucas pessoas, mas que podem mudar o curso de muitas no país, pessoas que levam, que vão levar as informações que aqui são ditas, né? Ao fim do curso, né?

E bom, falando sobre a morte real, ela engloba tudo, né? Morte real. Qual será a realidade dessa morte? Que morte a gente está falando? Quem tem medo da

¹ Integrante do grupo de *rap* MC Racionais.

morte? Eu tenho medo da morte e conheço vários que tem, mas eu conheço vários que não tem medo de morrer, inclusive, são esses “manos” que eu acabei de falar. Por quê? Para o cara sair de Pernambuco, a quantos mil quilômetros daqui, vir para São Paulo com uma mão na frente e outra atrás; tem medo do quê? Ele não sabe nem o que espera dele. Eu falo com os “caras”, lá é cidade de ninguém. Lá é onde você anda no Centro e cada um tem um curso diferente, cada um com um pensamento diferente, cada um cuidando da sua própria vida. Você vive num monte, numa montanha de pessoas, e cada um pensando em si próprio, é “louco”. Mas, também era querer demais se todos pensassem dessa forma, agissem em prol de alguma coisa, em prol do melhor; acho que não existiria o querer se tudo fosse bom, acho que não ia ter o valor da briga, da batalha, da vida.

A gente aprender a viver e ensinar a viver, acho que tudo isso é válido. A escola é uma vida, firmeza. A discussão é um ensino. A discussão. Eu aqui hoje estou aprendendo mais uma vez. Aplaudi todos os que falaram, que ainda vão falar, certo? É só aprender. É falar. Dar a minha palavra, em nome dos Racionais, em nome do Rap, do *hip hop* - que a gente também está nessa briga: a briga pela vida. Particularmente, eu, a briga pela vida nas palavras, através da música, daqueles “manos” que jogavam bola comigo, que estão mortos, ou estão presos; ou daqueles que também jogavam bola comigo, ou que jogam e ainda continuam, trabalhando, ganhando quinhentos reais por mês, sustentando quatro ou cinco filhos, morando num cômodo e cozinha de madeira.

A gente sabe de toda essa realidade, a questão é: o que cada um de nós faz para mudar ou para ajudar a melhorar essa realidade? a mudar essa realidade? A realidade mata! Realidade de um povo que é a massa, que é a maioria e está parado, esperando por alguma melhoria que ele vê na novela das oito, ou que vai arriscar, que vai atrás porque vê na televisão; não tem paciência de esperar doze anos para comprar um carro, juntando dinheiro. Fala: doze anos é muito tempo, quero agora uma moto, quero um tênis agora, né? A morte real é essa. E a gente conhece, hipocrisia falar que não conhece; não sabe que os “mano” fuma, cheira, faz tudo, sexo sem camisinha? É triste, mas esse é o Brasil que a gente vive.

É certo que a gente tem momentos felizes, da família, isso e aquilo outro. Mas quando você pensa na real; principalmente, eu quando estou escrevendo uma música e penso nos problemas do país, eu penso: vou parar de cantar, porque é muito problema. Como é que você vai passar para uma letra soluções? Não tem. É um processo muito longo reverter quinhentos anos; como a gente vai fazer isso? A longo prazo. Pessoas que estão aqui podem fazer parte dessa mudança, inclusive militar, por quê não? Esse é o nosso papel. Se a gente está aqui é para sintonizar a mesma idéia, a mesma opinião, não é a toa que a gente está aqui, certo? A gente tem a sintonia na mesma idéia, é dos mesmos fatos.

Bom, é isso rapa. Desculpe falar errado, mas é desse jeito que a gente fala que a gente vive, que a gente anda, entendeu? Essa é a nossa vida, essa é a minha real, “tá ligado”? Bombeta e tamô aí no dia a dia, certo? Representando o *rap*, a perifa, as quebradas, todas elas e eu, damos minha parcela de contribuição na luta. Na luta pela vida, entendeu? Através da música, através da presença, de uma palavra. Onde seja que a gente vai, a gente leva a palavra. Eu falo para os “irmão”. Falo pela vida sempre, pelo estudo, pelo caminho mais difícil. Mas é o caminho da vida. Voz ativa é nós.

Só, dá tempo de ler? Eu recebi um e-mail do pessoal do MH2O, eu li hoje. Eu não sou assim, do tipo todo dia ler os e-mails, mas por acaso antes de vir pra cá eu resolvi ler. Aí, me chegou um e-mail de uma fã depois daquele show da Sé, da Praça da Sé. Esse mano do MH2O mandou pra mim, que diz:

“São Paulo, show dos Racionais na Praça da Sé. Expectativa de um “puta” show acontecer. Pois é, aconteceu mesmo, mas não esperado; porque a Polícia -ilustríssima Polícia -, conseguiu inverter o “jogo” e chamar mais a atenção que o próprio Mano Brown. Na quinta ou quarta música do show, lá pela cinco horas da manhã, a “galera”, alvoroçada com a lucidez das rimas dos Racionais, começou a pancadaria. Show lotado, todo mundo se esmagando pra conseguir ver aquela figura persistente no palco; a galera cantando alucinada as músicas que falavam da dura realidade enfrentada pelas periferias do Capão Redondo, Jardim Rosana, o fundão, era um “troço foda” para quem, como eu, não tinha assistido a um show dos Racionais”.

Aí ela relata a forma como aconteceu:

“Mano Brown sobe no palco. De cara, fala algo sobre as atitudes sinistras da Polícia em relação à periferia. A “galera” concorda em peso, porque quem estava ali não era um monte de “playboyzinhos” universitários, como no show anterior do Nação Zumbi”.

Eu não concordo, mas são palavras dela: “E para quem a Polícia em maior escala tenta ser eficiente?” - ela relaciona aos *playboys*. Segundo ela, quem estava ali, salvo algumas exceções eram os “manos”, as “minas” da periferia, que convivem com essa Polícia incoerente, repressiva, vingativa corrupta que nasce para cuidar de bens e patrimônios e não de vidas humanas.. E continua: “aliás, pelo jeito que nos trataram, nem éramos gente, éramos uma massa sem rosto, sem vida, sem alma; éramos algo próximo de uma boiada que se amontoava para fugir dos tiros de borracha das pistolas policiais. Essa Polícia, que no dia seguinte do show disse à imprensa que estava ali para conter as guerras, as arruaças dos possíveis baderneiros do show. Porém quem eram esses arruaceiros, maloqueiros, ladrões, etc: Eram pobres subordinados, pretos, marginalizados em geral, pessoas que na sociedade não possuem valor, que causam ojeriza aos cidadãos de bens, aos privilegiados -que em muitos

casos, só se aproximam dessa massa periférica porque essa é o seu funcionário, o seu subordinado, o seu lavador de banheiro de *shopping* center - vistos como isentos de qualquer subjetividade: pobre nem nome tem, têm cargo. É fato, cargos de subordinação aos cidadãos de bem.

Quem já prestou atenção nas letras dos Racionais pode notar as letras são de fato violentas; tem tiro, cocaína, crack e morte. Porém, isso é parte do retrato de uma realidade cruel, que não é exposta na mídia com teor de verdade. Essas letras não são violentas à toa; elas são violentas porque a violência está no cotidiano dessas pessoas que se identificam com as letras e clamam por justiça.

O que incomoda os polícias e as classes médias é que as letras dos Racionais trazem uma realidade que quase ninguém quer ver; elas plantam, em cada um daqueles atentos fãs, a consciência da situação de quem vive. Claro que a classe média, os universitários que estavam no show da Nação Zumbi, não querem ouvir aquelas letras violentas; não faz o menor sentido, aquilo tudo, porque não vivem essa realidade de assassinatos cometidos por policiais - onde os corpos amanhecem nas ruas e a única explicação possível encontrada pelos moradores dessas regiões periféricas é de que os PMs mataram "mais um"

E assim segue a Ana Carolina Botelho, estudante, professora de Literatura e membro do Fórum de *Hip Hop* Poder Público. Achei importante, eu li e queria ler pra vocês que tem pessoas que se importam também com aquilo que a gente se importa, certo?

Muito obrigado mais uma vez e "tamô" junto!

